

CORPO CIVILIZADO, CORPO REENCANTADO: O MODERNO E O ALTERNATIVO NAS REPRESENTAÇÕES DO CORPO

*Leila Marrach Basto de Albuquerque**

RESUMO

O processo civilizador moderno deixou suas marcas no corpo, expressas pelo autocontrole e pela repressão aos impulsos espontâneos, alicerçando uma dualidade hierárquica que dá prioridade ao mental. A modernização, contudo, vem enfrentando, desde os anos 60, os movimentos de contramodernização cujas faces mais evidentes são a contracultura e a cultura alternativa. Essas, com a defesa da espontaneidade e a nostalgia da unidade, da experiência da vida total, foram buscar nas culturas distantes da tradição ocidental moderna a solução para as conseqüências do processo civilizador. Expressando valores como a vida comunitária, a aliança com a natureza e a reconciliação entre o corpo e a mente, a contramodernização pôs em circulação categorias do universo sagrado, numa relação integradora com o corpo, que acabam por reencantá-lo.

UNITERMOS: corpo, reencantamento, processo civilizador, cultura alternativa, contramodernização.

Eu quero, aqui, apresentar o argumento de que a cultura alternativa confere ao indivíduo a competência e a autonomia no enfrentamento dos problemas deste mundo, que lhe foram usurpadas pela modernidade. Faço isso privilegiando as práticas corporais alternativas, pois pressuponho que, através delas, se pode apreciar um amplo processo cultural de múltiplas dimensões.

Para tal, meu recorte se vale de algumas noções que, acredito, podem explicar as gestões sociais do corpo na contemporaneidade, como desencantamento e reencantamento, ciência e tecnocracia, o moderno, o contramoderno e o pré-moderno e, enfim, o ocidental e o impreciso oriental.

O termo alternativo, que ganhou vida própria nos últimos 30 ou 40 anos, se refere à procura pelas maneiras de agir, sentir e pensar fora dos padrões da modernidade ocidental. Expressa um conjunto de valores e práticas que visa a solucionar os custos materiais e imateriais, culturais e naturais gerados pela modernidade. O seu sentido, portanto, sobretudo o das práticas corporais, se esclarece frente à tradição ocidental moderna.

As representações do corpo que chegaram até nós, foram gestadas segundo uma tradição dualista e hierárquica que vem de Platão, se mantém na Idade Média e se expressa em Descartes através da cisão entre o corpo e a mente. Sob o nome de processo civilizador, Elias (1990, 1993) define o

padrão de relações humanas e estrutura de sentimentos que acompanha a modernidade e que deixou suas marcas no corpo: domínio da emoção e do inconsciente pela razão, autocontrole e repressão aos impulsos espontâneos. Devem-se domesticar, através de um autocontrole íntimo, as inclinações primárias e irrefletidas.

Assim, a gestão social do corpo se dá, na modernidade, por meio de processos racionalizadores, que dão prioridade ao mental como agência de autocontrole. A racionalização e a consciência objetiva são "naturalizadas", moldando corpos, comportamentos e estilos de vida.

A consecução desse projeto se dá por meio de especialistas: sujeitos possuidores de treinamento especial e, portanto, competentes para a solução de problemas públicos e privados específicos. Ao cidadão comum, despojado desse treinamento, restou a incompetência e a dependência, já que tudo se tornou objeto de manipulação de técnicos e especialistas. Cientistas.

A civilização científica procurou expandir seus domínios, expulsando saberes e práticas tradicionais do seu universo, em nome da racionalidade e do progresso. Consequentemente, desaparecem os meios mágicos e as forças incalculáveis pela objetividade científica. O mundo é desencantado, retirando da vida o seu sentido. Essa passa a ser explicada pelo cálculo racional e regida pela técnica (WEBER, 1974). A exclusão da dimensão transcendente da realidade, fornecida pela religião, leva a um empobrecimento da experiência individual do homem moderno, que tem conseqüências para seu corpo e sua mente. Para ambos convergem técnicas, cálculos, laboratórios e próteses: instrumentos eficientes da cultura tecnocrática, mas que têm a fraqueza de não fornecer sentidos e valores para viver e para morrer.

É pois, no contexto desse secularismo repressivo que emerge, nos anos 60, a contracultura, para denunciar os custos humanos do processo civilizador. Contra a padronização e regulação impostas pelo progresso científico e tecnológico, reivindica a liberdade e a autonomia subjetivas. Sua proposta, que está na origem da cultura alternativa, expressa valores como a defesa da espontaneidade, o resgate da rusticidade do habitat, a nostalgia da vida em comunidade, a reconciliação entre o corpo e a mente e a exploração de modos de consciência não intelectual. Como a contracultura defende outros arranjos sociais e outras relações entre o homem e a natureza, ela constitui também outros corpos.

No âmbito da cultura corporal, o ocidente moderno assiste, então, a um florescimento de saberes e práticas oriundos de tradições distantes da cultura ocidental moderna,

* Professora do Departamento de Educação Física da UNESP - Rio Claro.

como a ioga, as diversas formas de meditação, o tai-chi-chuan, a medicina indiana, japonesa e chinesa, como a ayurvédica, o do-in e a acupuntura, e também uma dietética vegetariana e macrobiótica. Como que procurando enfrentar o desencantamento do corpo, a contracultura elege saberes e práticas que, obrigatoriamente, se fazem acompanhar de concepções religiosas. Melhor ainda, eles só fazem sentido no âmbito de um universo sagrado. Seriam, pois, do ponto de vista da modernidade, pré-modernos e pré-científicos.

O encontro dessas práticas e saberes corporais com conhecimentos legitimados no ocidente moderno, isto é, científicos, gerou, ao longo dos anos 80 e 90, inevitáveis sincretismos que denomino aqui de cultura corporal alternativa, já que seu crescimento e aceitação tem extrapolado o âmbito da resistência à modernidade. Uma apreciação dessas novas prática e saberes apresenta algumas regularidades que quero destacar:

- 1) combinam os conhecimentos oficiais da área da saúde física e mental com conhecimentos oriundos de tradições antigas da China, Japão e Índia;
- 2) valorizam o arcaico com expressões como "civilizações antigas", "na origem da humanidade", "há três mil anos", etc.;
- 3) resgatam atributos do universo sagrado como ritos, símbolos, mitos e a dimensão espiritual;
- 4) propõem uma visão unitária e global que integre corpos e mentes, homem e natureza, físico e psicológico, denominada também de holística;
- 5) sustentam uma autonomia do indivíduo, através da valorização de capacidades regeneradoras e autorreguladoras do ser humano;
- 6) despertam a atenção para os elementos naturais como a água, a terra, o sol, o fogo, etc.

Esses conjunto de características -- a forte importância do sagrado, da tradição, da experiência pessoal e conhecimento prático, aliados a uma cosmovisão integradora -- comuns à cultura corporal alternativa, indica atributos pré-modernos. Além disso, situam-se no cenário da modernidade como conhecimentos sem "cidadania científica e racional", isto é, não têm legitimidade no âmbito da civilização científica.

A "epistemologia" alternativa -- se assim posso me referir ao sujeito e à realidade que emergem desse quadro -- indica um homem competente na gestão do seu corpo e de sua mente, já que ele sabe e conhece as forças internas e externas do seu mundo. São forças incalculáveis, sim, mas que não lhe foram retiradas e das quais ele não foi excluído.

Assim, esse universo reencantado é dotado de sentido e nele o homem tem um conhecimento incomparavelmente maior para viver e para morrer. Sua experiência é enriquecida por saberes e práticas que se pressupunha derrotados pela modernidade. O reencantamento do corpo, reintegrado com a mente, a alma e a natureza expressaria um indivíduo confiante, que escapa do desamparo a que estaria destinado pela imposição tecnocrática.

Além disso, nesse diálogo entre saberes e práticas, observa-se um jogo entre o tradicional, o antigo, o arcaico e o moderno e científico. Ora os procedimentos científicos são invocados para conferir legitimidade aos conhecimentos advindos do universo tradicional. Porém, ora a antiguidade do saber ou da prática se impõe como garantia da sua eficácia. Jogo sutil que se expressa, também, numa relação de forças entre, por um lado, o saber acadêmico e universitário e, por outro, as construções espontâneas da cultura mais ampla, regidas mais pelas urgências da vida que pelas coerências da razão.

Quando algumas práticas corporais alternativas se valem dos recursos da medicina ou da psicologia, são acusadas -- pelos especialistas puristas -- de misticismo em busca de legitimidade científica. No entanto, essas mesmas práticas são, presentemente, temas de cursos e pesquisas, sendo até mesmo ensinadas no universo acadêmico. Isso, certamente, mostra o esforço da universidade em acompanhar a dinâmica histórica e cultural que acontece além de seus muros. Porém, também, sugere a hipótese de uma apropriação da cultura corporal alternativa como um novo objeto da ciência. Para o bem ou para o mal ...

ABSTRACT

CIVILIZED BODY, RE-ENCHANTED BODY: THE MODERN AND THE ALTERNATIVE IN THE BODY REPRESENTATIONS.

The modern civilized process left its marks in the body expressed by the self control and the repression of the spontaneous impulses. It consolidated a hierarchical dualism that gives priority to the mental side. Although, modernization faces counter-modernization movements since the sixties, whose more evident faces are the counterculture and the alternative culture. These looked for the distant cultures of the modern western tradition, the solutions to the civilizing process consequences, based on the defense of spontaneity, the nostalgia of unity, and of the total life experience. The counter-modernization expresses values alike the communitarian life, the alliance with nature and the reconciliation between body and mind. So, it led categories of the sacred universe to an integrating relationship with the body, which re-enchant it.

UNITERMS: body, re-enchantment, civilizing process, alternative culture, counter-modernization.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX. O espírito do tempo II** - Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

RIBEIRO, A.R., MAGALHÃES, R. (orgs.). **Guia de abordagens corporais**. São Paulo: Summus, 1997.

ROSZAK, T. **A contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

WEBER, M. A ciência como vocação. In GERTH, H., MILLS, C.W. (orgs.). **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

Endereço para contato:

Departamento de Educação Física - UNESP
Av. 24 A, 1515 Bela Vista - Rio Claro SP
CEP 13506-900

E-mail: edubasto@linkway.com.br